

Análise das preferências cromáticas para fachadas em conjuntos habitacionais: o caso do Aluízio Campos.

*Analysis of color preferences for facades in housing developments:
the case of Aluízio Campos.*

Gabriel Alves Gomes; Universidade Federal de Campina Grande; UFCG
Dra. Carla Patrícia de Araújo Pereira; Universidade Federal de Campina Grande; UFCG

Resumo

Em uma abordagem de Design Centrado no Humano no contexto de habitações de interesse social, considera-se que a escolha das cores deve incluir os habitantes no processo de projeto. Apresentando um recorte de pesquisa de mestrado em andamento, este artigo relata um estudo exploratório que teve como objetivo identificar as preferências cromáticas de moradores do Conjunto Habitacional Aluízio Campos, na cidade de Campina Grande, PB. Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado, aplicado online, a partir da visualização de nove cores específicas, apresentadas como possibilidades para uso em fachadas de residências. Os resultados indicam que, na escolha de cores para as fachadas, as preferências dos respondentes tendem a mudar em relação às suas preferências gerais por cores em um contexto inespecífico. A maioria dos participantes apontou vermelho, branco e azul como suas cores preferidas, enquanto no contexto das fachadas as preferências indicaram cinza e azul. Verde e vermelho foram as principais cores indesejadas nas fachadas, sinalizando uma predisposição dos moradores participantes para utilizar cores menos intensas nesse contexto.

Palavras-chave: Conjuntos habitacionais; fachadas; Cor; preferências cromáticas.

Abstract

In a Human Centered Design approach in the context of social housing, it is considered that the choice of colors should include the inhabitants in the design process. Presenting an excerpt from a master's research in progress, this article reports an exploratory study that aimed to identify the chromatic preferences of residents of the Housing Complex Aluízio Campos, in the city of Campina Grande, PB. Data were collected through a semi-structured questionnaire, applied online, from the visualization of nine specific colors, presented as possibilities for use in facades of residences. The results indicate that, when choosing colors for facades, respondents' preferences tend to change in relation to their general preferences for colors in a non-specific context. Most participants indicated red, white and blue as their preferred colors, while in the context of facades, preferences indicated gray and blue. Green and red were the main unwanted colors on the facades, signaling a predisposition of the participating residents to use less intense colors in this context.

Keywords: Housing; facades; Color; chromatic preferences.

1. Introdução

Esta pesquisa aborda o uso das cores no projeto de conjuntos habitacionais, com foco nas preferências cromáticas dos moradores para fachadas. Na maioria dos conjuntos habitacionais brasileiros, os critérios mínimos de habitabilidade, funcionalidade, espacialidade e privacidade têm se tornado os limites máximos de qualidade atendidos pelos construtores (VILLA et al., 2014). Somado a isto, tem-se a ausência de equipamentos coletivos e espaços verdes, bem como a monotonia dos conjuntos, que se caracterizam pela repetição em massa de unidades de baixa qualidade estética (FORMOSO et al., 2011, apud VILLA et al., p. 2014). Em um contexto de imposição de modelos pré-definidos, considera-se que o processo de morar, que pressupõe escolhas, participação e tomadas de decisão em diversos níveis ao longo da prática projetual, é empobrecido, esvaziando e debilitando a dimensão política do morar (NASCIMENTO E TOSTES, 2011).

Conforme Krippendorff (2000), o design centrado no ser humano apoia-se na ideia de que as pessoas não reagem apenas às qualidades físicas das coisas, mas ao que elas significam. Para o autor, essa abordagem surge da percepção por parte dos designers de que os produtos devem ser projetados para pessoas e não para usuários “racionais”, uma vez que envolvem “práticas sociais, símbolos e preferências”. No contexto do o Design Centrado do Humano (DCH) em Arquitetura, El Sayad, Farghaly e Hamada (2017) destacam que as cores têm implicações “no comportamento e no estado de espírito quando utilizadas na concepção de ambientes que influenciam o equilíbrio emocional e mental do utilizador.” De acordo com Mahnke (1996), “a percepção da cor no ambiente sempre produz efeitos visuais, associativos, sinestésicos, simbólicos, emocionais e fisiológicos” (MAHNKE, 1996, p. 10, tradução nossa).

A arquitetura residencial e seu entorno, como sinalizam Wang, Zhang e Gou (2020), representam as principais estruturas onde as pessoas vivem. Assim, a estética desses espaços afeta a qualidade de vida dos habitantes. Nesse sentido, Ünver e Öztürk (2001) apontam que as cores são uma parte inseparável da cidade e um dos elementos responsáveis por criar ambientes arquitetônicos significativos, expressivos e discerníveis. Assim, as cores presentes nas fachadas são um componente fundamental na paisagem urbana, sendo responsáveis por promover aos moradores experiências visuais e percepções ambientais únicas, que afetam suas emoções e comportamentos (ZHONG, et al., 2021).

Este artigo apresenta um recorte de pesquisa de mestrado em andamento, que investiga as preferências cromáticas e associações simbólicas dos moradores do Conjunto Habitacional Aluízio Campos (CHAC), na cidade de Campina Grande, PB, considerando suas escolhas de cores para fachadas residenciais. O presente texto relata um estudo exploratório que coletou dados sobre preferências cromáticas de moradores do CHAC a partir da visualização de cores específicas apresentadas por meio de questionário online.

2. Cor, paisagem urbana e habitação social

A cor é utilizada por designers e arquitetos de diversas formas, tais como: para comunicar e dar suporte ao estilo arquitetônico; manifestar valores patrimoniais e status social; aprimorar a experiência do ambiente construído; e como forma de comunicação e expressão criativa. No design urbano, a cor pode ser considerada como um dos elementos básicos dos projetos, influenciando o modo como as pessoas percebem a cidade e avaliam a qualidade da paisagem (O'CONNOR, 2011). Segundo Asarzadeh, Ghazanfari e Pirbazari (2020), uma razão para este fenômeno é o fato de que a cor é componente importante na história, cultura, geografia e identidade de uma cidade, estando enraizada na memória coletiva da comunidade, sendo, deste modo, vital na formação de sentido de lugar e pertencimento, e na construção da imagem mental da cidade.

Ao conceituar paisagem urbana como a arte de tornar coerente e organizado visualmente o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano, Cullen (2010) afirma que o meio ambiente nos suscita reações emocionais; nesse sentido, podemos compreender que a percepção da paisagem urbana está relacionada diretamente com a produção de sensações e emoções nos indivíduos expostos ao ambiente. Nessa perspectiva, como evidenciam Zhong et al. (2021), a cor é um elemento indispensável a paisagem, tendo em vista sua capacidade de promover sensações visuais únicas, que afetam o comportamento e as emoções dos habitantes da cidade.

De acordo com Süvari, Okuyucu e Coban (2021), as fachadas podem ser consideradas como interfaces da cidade, sendo as mesmas ferramentas de expressão da identidade, da estética e da cultura do seu povo no contexto coletivo. Deste modo, comprehende-se que as fachadas não são elementos privados, que pertence a um único edifício, mas são, na verdade, patrimônio coletivo da cidade e precisam ter um planejamento cromático que atenda também às expectativas e necessidades da comunidade. Como sinalizam Wang, Zhang e Gou (2020) a “arquitetura residencial” representa as principais estruturas onde as pessoas vivem a vida cotidiana. Assim, estudar as preferências cromáticas dos moradores de conjuntos habitacionais pode facilitar a criação de uma cidade mais agradável.

Atualmente, como evidenciam Loder e Naoumova (2012), as escolhas estéticas das habitações sociais falham em atingir as expectativas dos moradores, sendo caracterizadas pela simplicidade da composição formal e repetição dos planos das fachadas. Segundo Villa et al. (2016) esta repetição em massa e baixa qualidade arquitetônica acaba por gerar monotonia estética, sendo um dos fatores prejudiciais a apropriação do espaço por parte dos moradores. Outro fator que precisa ser levado em consideração é dimensão dos projetos de habitações sociais, que, ao ocupar grandes extensões de território, influenciam não somente a maneira como os seus moradores se sentem como toda a imagem da cidade em que se inserem.

A qualidade estética é um aspecto fundamental na percepção dos conjuntos habitacionais, sendo um fator importante para a satisfação dos residentes no contexto brasileiro. Aspectos como a capacidade de personalização das fachadas e espaços, qualidade dos materiais e acabamentos, limpeza e manutenção dos espaços coletivos e consistência e complexidade formal, bem como a diversidade cromática são elementos indispensáveis para uma análise positiva da aparência dos conjuntos (REIS; LAY, 2003).

Para Nunes e Guinancio (2020), o ato de morar é uma ação que não engloba apenas o âmbito doméstico da moradia, mas diz respeito ainda à vivência nos espaços públicos, tendo em vista que as atividades humanas acontecem e se desenvolvem também no espaço social coletivo, que é a cidade. A arquitetura externa das edificações, neste sentido, é um componente essencial na qualidade de vida, e a cor é um elemento perceptivo importante nos espaços, tendo em vista a sua capacidade de influenciar as emoções dos usuários.

As cores têm significante impacto no espaço construído e desempenham um papel fundamental no desenho urbano, sendo capazes de determinar as sensações de amplitude, profundidade, orientação no espaço (LI; ZHENG; WANG; YAN, 2022). Em edifícios residenciais, esse papel ganha maior relevância, na medida em que passamos a maior parte do tempo em nossa habitação e em seu entorno, como sinalizado por Wang, Zhang e Gou (2020), que afirmam que as arquiteturas residenciais são as principais estruturas em que a vida cotidiana acontece. Segundo estes autores, as cores das fachadas são parte essencial da cultura e estilo urbano e afetam o modo como os residentes se sentem.

Tendo em vista que em um conjunto habitacional pode haver dezenas e até centenas de imóveis, torna-se ainda mais importante e necessário planejar de forma adequada as cores utilizadas em todos os edifícios. Nesse sentido, Ünver e Öztürk (2002) estabelecem três etapas básicas que devem ser seguidas no processo de seleção cromática: (1) a análise das condicionantes ambientais do local em que o conjunto está sendo implantado, considerando que as cores utilizadas devem ser consistentes com a história, cultura, clima e características arquitetônicas e naturais do local; (2) a escala do empreendimento e seu impacto na paisagem; e (3) a forma do edifício, ou seja, suas dimensões, materiais utilizados, características arquitetônicas e demais características plásticas (ÜNVER; ÖZTÜRK, 2002).

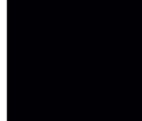
Para Aguiar e Pernão (2010) uma abordagem eficaz são os processos participativos: incluir os habitantes no processo de concepção projetual pode garantir maiores níveis de satisfação com o resultado final da habitação. Para os autores, outro fator que deve ser considerado em relação aos estudos cromáticos, é incluir as decisões sobre as cores das edificações no início do processo projetual, articulando esta decisão de forma conjunta à escolha de materiais e soluções construtivas (AGUIAR; PERNÃO, 2010).

3. Metodologia

Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa de mestrado em andamento e relata um estudo exploratório que teve como objetivo identificar as preferências cromáticas de moradores do conjunto habitacional Aluízio Campos, na cidade de Campina Grande, Paraíba, a partir da visualização de cores específicas, apresentadas como possibilidades para uso em fachadas de residências. A pesquisa teve uma abordagem mista (qualitativa apoiada por dados quantitativos). Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado, dividido em duas partes: (1) levantamento de dados socioeconômicos dos participantes e (2) identificação das preferências cromáticas.

A segunda parte do questionário teve início com uma pergunta relacionada à existência ou não de algum grau de deficiência cromática no entrevistado, em que o mesmo pôde responder de acordo com as opções: “sim”; “não”; “não sei informar”. Em seguida, foram apresentadas as perguntas principais: a primeira relacionada à preferência cromática do participante sem contexto específico; em seguida, foi perguntado o porquê de o participante gostar da cor, na qual o mesmo teve a opção de responder livremente. Na sequência, foram realizadas as seguintes perguntas: “Destas cores, qual você utilizaria na fachada da sua casa?” e “Por que você gostaria desta cor na fachada da sua casa”. Por fim, perguntou-se “Destas cores, qual você NÃO utilizaria de jeito nenhum na fachada da sua casa?” e “Por que você NÃO gostaria desta cor na fachada da sua casa?”. Em todas as perguntas sobre preferência, foram apresentadas as mesmas cores, na mesma ordem, conforme a Figura 1, e cada pessoa só teve a opção de escolher uma única cor.

Figura 1: Especificação das cores apresentadas no questionário.

	1º AZUL / BLUE RGB : 0, 0, 255. CMYK: 93, 75, 0, 0. Adobe illustrator		6º BRANCO / WHITE RGB : 255, 255, 255. CMYK: 0, 0, 0, 0. Adobe illustrator
	2º VERMELHO / RED RGB : 255, 0, 0. CMYK: 0, 95, 91, 0. Adobe illustrator		7º MARROM / BROWN RGB : 150, 75, 0. CMYK: 28, 71, 100, 28. Adobe illustrator
	3º AMARELO / YELLOW RGB : 255, 255, 0. CMYK: 10, 0, 95, 0. Adobe illustrator		8º LARANJA/ ORANGE RGB : 242, 101, 0. CMYK: 0, 70, 99, 0. Adobe illustrator
	4º VERDE / GREEN RGB : 0, 255, 0. CMYK: 65, 0, 100, 0. Adobe illustrator		9º CINZA / GRAY RGB : 128, 128, 128. CMYK: 49, 39, 38, 20. Adobe illustrator
	5º PRETO / BLACK RGB : 1, 0, 4. CMYK: 91, 79, 61, 96. Adobe illustrator		

Fonte: Elaborado pelos autores.

As cores apresentadas foram aquelas investigadas por Heller (2012) – azul, vermelho, amarelo, verde, laranja, marrom, preto, branco e cinza, descartando-se os tons prata e dourado também abordados pela autora. O questionário foi aplicado digitalmente por meio da plataforma Google Forms, e divulgado em grupos da paróquia local no aplicativo de mensagens WhatsApp e em dois grupos de moradores do conjunto no Facebook: (1) o “Aluízio Campos Notícias”, com cerca de 13.186 participantes; e (2) o “Olx no Aluízio Campos”, com 5303 participantes. Em ambos os grupos, o questionário foi divulgado sistematicamente no *feed* de notícias das páginas e no *chat* coletivo entre 15 de fevereiro e 15 de março de 2023. Nesse período, foram obtidas 33 respostas ao questionário. Foram tomadas todas as precauções éticas para que os entrevistados não fossem identificados durante a aplicação do questionário, ou constrangidos ao responder qualquer uma das perguntas realizadas.

4. Resultados e discussões

Os dados socioeconômicos coletados demonstraram que os respondentes em sua maioria são moradores do conjunto habitacional Aluízio Campos, 65,6% no total, tendo havido 44,4% de respostas de indivíduos de outros bairros de Campina Grande, não havendo nenhum agrupamento de respostas em bairros específicos. Do total de participantes, 71,9% afirmaram serem moradores de conjuntos habitacionais na cidade, e 28,1% sinalizaram não residir nesta modalidade. Com relação à idade dos respondentes, 46,9% são de jovens entre 18 e 29 anos; 28,1% entre 30 e 39 anos; 15,6% estão na faixa etária entre 40 e 49 anos e 9,4% entre 50 e 59 anos. Não obtivemos respostas de indivíduos com idade superior aos 59 anos, evidenciando que a pesquisa obteve um alcance maior entre jovens e adultos, o que pode estar associado à plataforma utilizada para coleta de dados e a algum grau de analfabetismo digital entre idosos que residem no conjunto. Com relação ao gênero, a maioria se identifica com o gênero feminino, cerca de 75%, enquanto 21,9% com o masculino e 3,1% preferiu não informar.

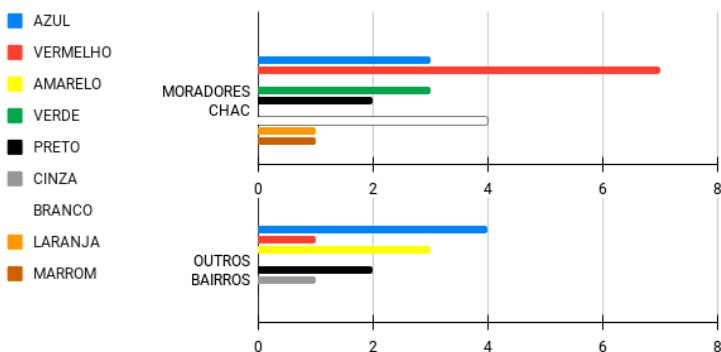
Com relação à renda, 65,6% informaram viver com renda de até 1 salário mínimo, enquanto 12,5% recebem até 2 salários mínimos e cerca de 21,9 recebem entre 2 e 4 salários mínimos. É necessário evidenciar que estes dados representam a totalidade das respostas, considerando os dois grupos, nesse sentido, entre os 65,6% dos participantes que são residentes no CHAC, a grande maioria, em torno de 85,7% sinalizaram receber até 1 salário mínimo enquanto 9,5% e 4,8% disseram receber até 2 salários e entre 2 e 4 salários respectivamente. Em relação ao grau de escolaridade dos participantes, 37,5% finalizaram o ensino médio e 28,1% o ensino superior e apenas 6,3% indicaram ter apenas o ensino fundamental completo. 15,6% sinalizaram não ter finalizado o ensino fundamental e 6,3% indicaram na mesma proporção possuir ensino médio e superior incompleto. Por fim, em relação à raça, 53,1% dos participantes se autodeclararam pardos, enquanto 28,1% como brancos; 15,6% como pretos e apenas 3,2% como amarelos.

Na segunda parte do questionário, 65,6% sinalizam não possuir daltonismo; 6,3% informaram possuir algum grau de daltonismo e 28,1% disseram não saber. No computo dos dados em relação às preferências cromáticas, as repostas foram divididas em dois grupos: (1) moradores do conjunto habitacional Aluízio Campos, e (2) moradores de outros bairros que acessaram e responderam ao questionário (Figura 2).

Figura 2: Gráficos das cores preferidas em relação ao bairro.

Relação Cores x Lugar

Cor preferida dos participantes em relação ao bairro



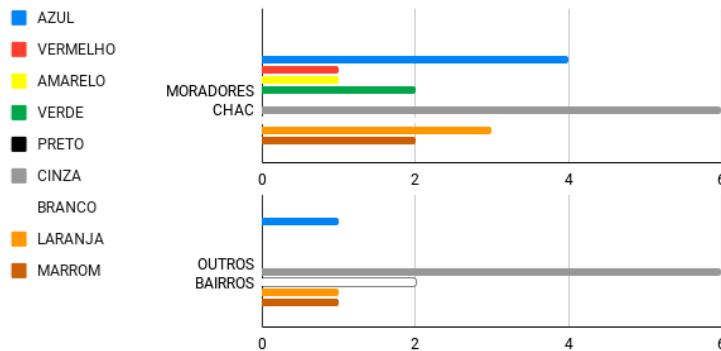
Fonte: Elaborado pelos autores.

No gráfico da Figura 2 é possível perceber que os participantes moradores do conjunto habitacional possuem uma preferência maior pelo vermelho, seguido pelo branco, verde e azul, enquanto os participantes moradores de outros bairros preferem mais o azul, tendo em seguida o amarelo e preto como cores mais escolhidas. Quando perguntados sobre o porquê preferem a cor vermelho, 42,9% dos participantes disseram gostar da cor porque acham a mesma bonita, enquanto 14,3% indicaram não saber; e 42,9% fizeram associações da cor com palavras como “viva”, “paixão” e “chamativa”. Neste sentido, evidencia-se que a relação feita com a palavra paixão parte de uma associação simbólica e religiosa do vermelho, neste caso específico, com a “paixão de Cristo”.

Figura 3: Gráficos das cores preferidas para fachadas

Relação Cores x Lugar

Preferências cromáticas para fachadas por bairro



Fonte: Elaborado pelos autores.

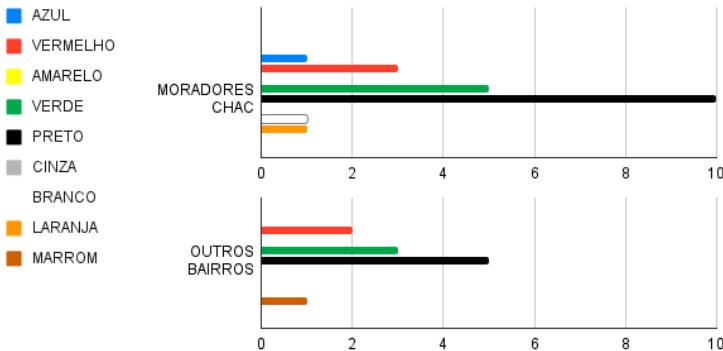
O Branco, segunda opção mais votado pelos moradores, foi associado à palavra “paz” por 75% dos participantes, enquanto 25% associaram o croma a “pureza”. Já verde e azul, empatadas como terceira opção mais votada, tiveram associações relacionadas à “natureza” (verde) e à “calma”, “alegria” e “conforto” (azul). Os moradores de outros bairros realizaram associações ao azul relacionado ao fato de acharem a cor “vibrante” e “atrativa”; em relação ao amarelo, todos os respondentes associaram esse matiz à “alegria”. Com relação ao preto, houve associações com palavras como “elegante”, “discreta”, “versátil”.

No gráfico da Figura 3 percebe-se que existe uma concordância entre os participantes moradores do conjunto habitacional Aluízio Campos e os participantes de outros bairros, tendo havido uma predominância da cor cinza como principal escolha. Para ambos os grupos, essa cor foi considerada “neutra”, “leve”, “discreta” e “suave”, mas também “ sofisticada” e “chique”, associações vinculadas a aspectos culturais e sociais da cor. O azul foi a segunda cor mais escolhida entre os moradores do CHAC, tendo sido associado às palavras “harmonia”, “vivacidade” e “alegria”. Para esta cor foi feita ainda uma associação religiosa entre o azul apresentado e o azul utilizado nas representações e imagens de Maria (mãe de Jesus Cristo). Por fim, a terceira cor mais escolhida foi o laranja, associado a palavras como “alegre” e “aconchegante”. Já os participantes de outros bairros tiveram como segunda cor mais escolhida a branca, sendo associada neste caso a “leveza”. Houve ainda um respondente que sinalizou escolher branco por não ter considerado as outras opções atrativas. O laranja, marrom e azul obtiveram o mesmo índice de escolhas, sendo associados respectivamente as palavras “aconchegante”, “chamativa” e “vivacidade”.

Figura 4: Gráficos das cores que NÃO utilizariam nas fachadas

Relação Cores x Lugar

Cores que NÃO seriam utilizadas pelos respondentes



Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, na pergunta relacionada a qual cor o participante não utilizaria na fachada (Figura 4) houve uma tendência entre respondentes de outros bairros e os respondentes moradores do conjunto habitacional Aluízio Campos. A cor mais indesejada foi a preta, sinalizada por 46,9% dos participantes totais do estudo, destes, 53,4% disseram que as cores são “muito escura” ou “muito pesada”, 13,3% dos participantes associaram a cor a palavra “luto”, 13,3% informaram achar a cor inadequada para fachadas e 20% informaram não gostar ou não saber o motivo de não considerar as cores para fachadas. A segunda cor mais evitada em fachadas foi verde, tida como “muito chamativa” e “muito vibrante”, existindo ainda percepções da cor relacionada ao sentimento de “agonia”. A terceira e ultima cor mais rejeitada foi a vermelha, também definida neste caso como “muito chamativa”, “muito forte” e “muito viva”.

5. Considerações finais

A partir dos dados analisados foi percebido que, em se tratando da escolha de cores para as fachadas, as preferências cromáticas dos moradores participantes tendem a mudar em relação às suas preferências gerais por cores em um contexto inespecífico. Isto pode ser constatado observando-se as principais cores escolhidas nas três perguntas realizadas no questionário. Na primeira, os participantes pertencentes ao conjunto habitacional Aluízio Campos apontaram, em sua maioria, o vermelho como a sua cor preferida, sendo definida por estes de forma positiva, como uma cor viva e chamativa; já para os participantes de outros bairros o azul foi a principal escolha, sendo associado de forma positiva como uma cor bonita e alegre. No entanto, quando perguntados sobre quais cores eles utilizariam em suas fachadas, a maioria dos entrevistados em ambos os grupos apontou o cinza como opção. O cinza, pouco escolhido na pergunta anterior (no caso dos moradores do CHAC não foi escolhido por nenhum participante) foi neste caso associado a palavras como “neutra”, “leve”, “discreta” e “suave”, indicando que os participantes podem preferir fachadas menos coloridas, buscando neutralidade e discrição para seus imóveis. Isto também é percebido em relação às cores que foram escolhidas em menor número pelos demais

participantes, como branco, azul, marrom e laranja. Embora azul, laranja e marrom sejam mais intensas do que cinza e branco, as mesmas seguem sendo cores menos chamativas que as demais, considerando-se as amostras de cor observadas no questionário.

Nas respostas fica evidente a distinção simbólica que o cinza tem em relação ao preto, apontado pela maioria como a principal cor não utilizável em fachadas. Esta foi definida pelos participantes com palavras negativas como “triste”, “pesada” ou associando a mesma com o “luto”. É preciso deixar evidente que, fora do contexto de fachadas residenciais, o preto, escolhido por uma pequena parcela de participantes, foi associado a palavras como “elegância” e “simplicidade” (conotações positivas), o que reforça e sinaliza a tendência de transformação de sentimentos e significados das cores em relação aos usos aplicados. O verde e o vermelho seguiram como as principais cores indesejadas por ambos os grupos, associadas ao excesso de estímulo, o que sinaliza a predisposição dos participantes para utilizar cores menos intensas nas fachadas.

O estudo apresentou algumas limitações técnicas, sendo a principal delas o baixo índice de respostas coletadas. Embora o questionário possa ser respondido em pouco tempo e seja realizado de forma on-line, houve um baixo interesse dos moradores em respondê-lo. Outra deficiência do estudo foi a ausência de um teste de visão das cores, o qual foi dispensado para evitar um estresse no participante em decorrência da extensão do questionário e consequente abandono do mesmo. No entanto, foi percebida a importância de realiza-lo tendo em vista que muitas pessoas não sabem ou não percebem uma deficiência cromática na visão. Outra limitação foi a apresentação das cores sem variações de claridade e saturação. Da mesma forma, o suporte utilizado para visualização das cores pode ter interferido nas respostas, tendo em vista que a claridade e a tecnologia da tela podem apresentar as cores de forma diferente. Nesse sentido, outro fator que pode ter causado prejuízo à pesquisa foi a apresentação das cores-luz como forma de representar as cores-pigmento utilizáveis em fachadas, tendo em vista as diferenças físicas das mesmas.

Nessa perspectiva, como ajuste metodológico para a continuidade da pesquisa de mestrado, será realizada a aplicação do questionário em formato presencial e impresso, visando à padronização do suporte e das cores visualizadas. Como forma de garantir que todos participantes sejam moradores do conjunto, o levantamento de dados será realizado a partir de visitas às casas, as quais serão predefinidas de forma aleatória por meio de software estatístico. Assim, será buscado um número mínimo de participantes que permita a generalização estatística confiável dos resultados. Deverá ser incluído no questionário também um teste de Ishihara, como forma de mapear as capacidades visuais do público e entender qualquer interferência nas respostas. Deverão ainda ser disponibilizadas montagens das fachadas pintadas em cores específicas, de modo que permita uma melhor visualização e respostas mais assertivas em relação ao grau de satisfação dos entrevistados.

Agradecimentos

Prestamos os devidos agradecimentos a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), que por meio do Termo nº 016/2020 concede bolsa de mestrado para a realização desta pesquisa.

6. Referências Bibliográficas

AGUIAR, José; PERNÃO, João. Colour and Participative Processes in Urban Requalification: colour studies for social housing in portugal. **Colour & Light In Architecture**: International conference, Venice, v. 1, n. 1, p. 1-6, nov. 2010. Anual. FCT RESEARCH PROJECT PTDC/AUR: 66476/2006.

ASARZADEH, Karim; GHAZANFARI, Paymane; PIRBAZARI, Alireza Gholinejad. Recovering figure-ground perception in Tehran's color plan. **Color Research & Application**, [S.L.], v. 45, n. 6, p. 1179-1189, 26 jul. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/col.22542>.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1996.

GUINANCIO, C.; NUNES, O. V. R.. A fundamental relação entre os âmbitos doméstico e o público na habitação social. **P@ranoá (UNB)**, v. 1, p. 1-15, 2020.

KRIPPENDORF, K. (2000) Design Centrado no ser humano: uma necessidade cultural. Trad. Gabriela Meirelles e Lucy Niemeyer. **Estudos em Design** – Rio de Janeiro, 8(3), 87-98.

LODER, Marina Mendonça. **COR E HABITAÇÃO: UM ESTUDO DOS ASPECTOS CROMÁTICOS DAS FACHADAS DE CONJUNTOS HABITACIONAIS DA CIDADE DE PELOTAS/RS**. 2013. v. 1, 343 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2013

LI, Ke-Run; ZHENG, Zhi-Qiang; WANG, Pei-Hong; YAN, Wen-Jie. Research on the colour preference and harmony of the two-colour combination buildings. **Color Research & Application**, [S.L.], v. 47, n. 4, p. 980-991, 7 jan. 2022. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/col.22776>.

MAHNKE, Frank H. **Color, environment, and human response**. New York: John Wiley & Sons, 1996.

NASCIMENTO, Denise Morado; TOSTES, Simone Parrela. Programa Minha Casa Minha Vida: a (mesma) política habitacional no brasil. **Vitruvius: arquitextos**, São Paulo, v. 12, n. 133, p. 1-18, jun. 2012. Anual. Disponível em:
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3936Page>. Acesso em: 17 nov. 2022.

O'CONNOR, Zena. Facade Colour and Judgements about Building Size and Congruit. **Journal Of Urban Design**, Sydney, v. 16, n. 3, p. 397-404, ago. 2011. Mensal.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. Habitação de interesse social: uma análise estética: uma análise estética. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 7-19, dez. 2003. Trimestral.

SÜVARI A, OKUYUCU S,E, ÇOBAN G. Color mapping of the building façades in the historical urban fabric: The Ayazini village civil architectural examples. **Color Res Appl**. 2021;1-14. doi:10.1002/col.22765

SILVA, A. M. da. **Metodologia da Pesquisa**. 01. ed. Fortaleza, CE: EDUECE, 2015. p.108

ÜNVER, Rengin; ÖZTÜRK, Leyla Dokuzer. An example of facade colour design of mass housing. **Color Research & Application**, [S.L.], v. 27, n. 4, p. 291-299, 17 jun. 2002. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/col.10068>.

VILLA, S. B.; OLIVEIRA, J. C. C. B.; SARAGAMAGO, R.; NICOLAU, T. N. A.; MELO, M. M. A habitação social redesenhando a cidade: o caso da cidade de Uberlândia-brasil. In: **PLURIS – 6º Congresso Luso-Brasileiro para o planeamento urbano, regional, integrado e sustentável, 2014, Lisboa**. v. 1. p. 2602-2614.

WANG, Jiangbo; ZHANG, Lingyun; GOU, Aiping. Study on the preference of city color image selection based on the logistic model: a case study of shanghai. **Color Research & Application**, [S.L.], v. 45, n. 3, p. 542-557, jun. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/col.22487>.